

RESENHA

1968 REVISITADO

Zuenir Ventura. *1968: o que fizemos de nós*. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil Ltda, 2008, 224 páginas.

Carlos Ribeiro *

Vinte anos após o lançamento de *1968 – o ano que não terminou*, o jornalista Zuenir Ventura revisita o tema, neste *1968: o que fizemos de nós*, agora colocado sob outra perspectiva: que herança aqueles anos conturbados nos legou, e o que foi feito dela? Para contribuir na reflexão sobre essas questões, o autor faz um inventário do legado daqueles anos conturbados e da geração que os vivenciou. Enfoca pontos cruciais relacionados ao tema, nas esferas da sexualidade, das relações afetivas, da atuação política, dos padrões estéticos, da percepção do corpo e do consumo de drogas, entre outros.

Identificar as marcas deixadas por 68 ao longo do percurso, nos últimos quarenta anos, é, portanto, a tarefa à qual Ventura se lança, nas 222 páginas do livro, subdividido em duas partes. A primeira, “68 após 68”, tem oito capítulos: “Reflexos do baile distante”, “A falta de bússola”, “A culpa é de 68”, “Viva o corpo brasileiro!”, “Há um meia-oito em cada canto”, “Sexo, drogas e rave”, “A figura paterna” e “Nosso guia”. A parte dois, “De olho na herança”, traz depoimentos de sete personalidades, remanescentes ativos daquele período, sobre o seu legado. São elas: a professora e crítica literária Heloísa Buarque de Hollanda, estudiosa da poesia alternativa, cujo *boom* se deu justamente no período mais duro do regime militar; o músico Caetano Veloso, um dos principais nomes do movimento tropicalista que surgiu um pouco antes de 68; César Benjamin, o mais jovem militante da luta armada (entrou para a clandestinidade aos 14 anos e ficou cinco anos na prisão, de 1971 a 1976); o ex-jornalista, ex-guerrilheiro e político Fernando Gabeira, referido por Ventura como “o mais bem-sucedido remanescente de 1968”; o ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso; o ex-militante político e atual jornalista Franklin Martins; e o ex-guerrilheiro, e ex-chefe da Casa Civil José Dirceu.

* Professor Assistente de Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Em “Reflexos do baile distante”, que tem como subtítulo “O que restou dos tempos de Leila Diniz para as que são avós hoje”, Ventura toma depoimentos de três mulheres que viveram intensamente o período em questão – Maria Clara Mariani, Marília Carneiro e Maria Lúcia Dahl, esta última conhecida atriz do ciclo do Cinema Novo, em torno de uma questão: 1968 terminou?

A liberdade pessoal, o feminismo, o individualismo, a questão racial e da virgindade são questões abordadas pelas mulheres que, diz Ventura, “(...) pertenciam a uma geração de jovens entre 20 e 30 anos que decidiu inaugurar um estilo de vida e experimentar formas alternativas de relacionamento que não reeditassem os compromissos matrimoniais impostos pelas convenções”. (p. 15).

A questão da ruptura e da continuidade ocorrida entre a “geração do milênio”, nascida próximo à virada do século XXI, e a de 68, é o tema do capítulo “A falta de bússola”, no qual o autor analisa aspectos que marcam a juventude atual, no terreno da política e dos costumes. Tomando como referência alguns depoimentos, a exemplo do que lhe foi dado pela socióloga Maria Isabel Mendes de Almeida, Ventura revela um perfil dos jovens dos anos 80/90 bem diferente dos seus pais.

“A geração de 68 queria tudo a que não tinha direito; a atual tem tudo do que precisa, e por isso se apresenta cheia de ambigüidades e paradoxos. A sua composição segmentada e plural leva seus integrantes a se definirem como tribos, galeras, turmas ou patotas, mais do que como geração, no sentido mais antigo do termo”. (p. 22).

Em “A culpa é de 68”, o autor aborda a questão, geralmente esquecida nos estudos e reportagens sobre aquele período, do impacto causado nos filhos pelos sofrimentos e pelo modo de vida dos pais que militavam na luta contra a ditadura. Questão que seria abordada de forma muito sensível nos filmes *A culpa é do Fidel (La faute à Fidel!)*, da cineasta Julie Gavras, e *O ano em que meus pais saíram de férias*, de Cão Hamburger, ambos lançados em 2007.

Ventura colhe depoimentos de filhos de alguns famosos militantes políticos de esquerda do Brasil, a começar por sua própria filha, Elisa, que, tal como a cineasta Daniela Thomas, filha do cartunista Ziraldo, e o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho, filho do jornalista Sérgio Cabral, expressaram o sofrimento que sentiam nas visitas aos seus respectivos pais, na prisão.

“Se esses choques aconteciam com os filhos de alguém sem qualquer filiação partidária e sem importância política, imagine o sofrimento dos filhos e filhas de um verdadeiro ativista, desses que viveram na clandestinidade e/ou foram torturados”. (p. 32). É o caso de Daniel Souza, filho de Herbert de Souza, o Betinho, submetido “a um eterno recomeçar de vida, um sem-fim de chegadas e partidas, de começos e rupturas” (p. 33), provocados pelo exílio no Chile, na Suécia, na Inglaterra e no México.

Situações semelhantes foram vividas por Geórgia Melina (Gogóia), filha do jornalista Pedro Porfírio e por Liana Melo, filha de Zuleide Faria de Melo, militante do Partido Comunista Brasileiro. A experiência mais dramática é narrada por João Carlos de Almeida Grabois, o Joca, filho, neto e sobrinho de desaparecidos políticos. Sua mãe, Criméia Alice Schmidt de Almeida, atuou na guerrilha do Araguaia e, em 1972, já grávida, foi presa em São Paulo e levada para o DOI-CODI, onde foi torturada e deu à luz ele, Joca, em 11 de fevereiro de 1973. Hoje administrador de empresas, casado e sem filhos, obteve, em 2005, na Justiça, a condição de torturado antes de nascer. “Em uma sentença única na jurisprudência brasileira, João Carlos de Almeida Grabois recebeu do Estado uma indenização simbólica de R\$ 22 mil”. (p. 40).

As conseqüências do excessivo culto ao corpo, na sociedade atual, em oposição a uma preocupação maior com a alma em relação ao físico, nos anos 60, é o tema do capítulo “Viva o corpo brasileiro!”. Naquela época, diz o autor,

Freud estava na moda, ao lado de Marcuse, Mao e Marx. Em certos meios, era difícil conversar sem empregar ou ouvir lugares-comuns psicanalíticos: transferência, repressão, recalque, ato falho, inconsciente, complexo de culpa. A forma de terapia mais recomendada em tempo de coletivismo era “análise de grupo”. “Assumir” – e não “malhar” – era o verbo dessa vulgata. Ela resolvia todas as questões: “você precisa assumir” – fosse uma fraqueza, uma culpa, um desejo, uma preferência sexual. (p. 41).

A substituição de um vocabulário psicológico por um vocabulário biológico; a compulsão consumista pela compra de produtos de saúde; a ideologia do corpo perfeito e o preconceito contra os que fogem ao padrão ideal (gordos, idosos, feios, baixos etc.), e a busca de uma forma ideal que nunca é alcançável, são alguns pontos abordados pelo autor, com base em depoimentos de estudiosos (psiquiatra e antropólogo). A morte, em 2006, da modelo Ana Carolina Reston, vítima de anorexia, é assim definida pela psicanalista Cybelle Weinberg: “na Idade Média, jejuava-se para atingir o ideal de santidade; no século XIX, era o ideal romântico. Agora é o estético”. (p. 45).

Em “Há um meia-oito em cada canto”, a presença de representantes da geração de 68 nos mais diversos segmentos da sociedade brasileira – no poder, na oposição, à esquerda, à direita e até prestando contas à justiça, é ressaltada pelo autor. Ele assinala que, embora não tenha elegido nenhum presidente, essa geração teve em José Dirceu, e, posteriormente, em Dilma Roussef, aqueles que ocuparam o posto mais alto do poder executivo, sucessivamente, no cargo de chefe da Casa Civil da presidência da República do governo Lula. Outra função importante no governo, a de assessor especial da Presidência da República para Assuntos Internacionais, é ocupada pelo ex-líder trotskista Marco Aurélio Garcia.

Dentre outros exemplos citados por Zuenir Ventura está a presença de Celso de Melo e Eros Grau no Supremo Tribunal Federal, este último um ex-militante político (há uma pequena entrevista com ele, no livro, no qual fala dos riscos corridos por representantes de sua geração que contestaram o governo militar e por sua passagem pelo DOI-CODI); de Jacques Wagner no posto de governador do Estado da Bahia; de Gilberto Gil, José Gomes Temporão e Tarso Genro, respectivamente nos ministérios da Cultura, da Saúde e da Justiça; dos integrantes do Partido Verde, Fernando Gabeira (que por um período foi também filiado ao PT), Alfredo Sirkis e Carlos Minc (que ainda não era o Ministro do meio Ambiente na época do lançamento do livro); de Arthur Virgílio e José Serra, no Senado Federal, e César Maia, então prefeito do Rio de Janeiro.

No capítulo seguinte, “Sexo, drogas e rave: o que houve com o lema que embalava os hippies”, Ventura enfoca as diversas “tribos” de jovens e suas concepções sobre o tema em questão. Inicialmente aborda a liberalização nas relações sexuais entre os jovens, as pressões sobre as mulheres para perder a virgindade, o fato de que “a sexualidade hoje parece não ser uma questão problemática para os jovens, pelo menos como antigamente”. (p. 62).

Outro item importante no repertório de 1968, as drogas, é referido por Ventura como a herança maldita da mitologia contracultural. É, diz ele, “o tema que mais controvérsia desperta em todo o mundo” (p. 64) e que, associadas ao tráfico de armas, “constitui talvez o negócio mais rentável do planeta, movimentando uma fortuna que varia, segundo cálculos, de US\$ 500 bilhões a US\$ 3 trilhões por ano”. (p. 65). Esta realidade é confrontada com o que chama de “utopias ingênuas de 68”, de expansão dos estados de consciência e ampliação das “portas da percepção”, cultivadas por nomes tão diversos como os dos escritores Aldous Huxley e Carlos Castañeda, e do professor de psicologia da Universidade de Harvard Timothy Leary. E, diante do quadro alarmante do tráfico, discute três políticas propostas: a da repressão, representada pela War on Drugs, inaugurada no governo de Richard Nixon; a da “redução de danos”, que consiste em deslocar a questão da polícia para a saúde pública, e a da legalização, eficiente, segundo seus defensores, por ser uma solução de mercado: a de arruinar a atividade ilícita, “já que o negócio dos traficantes não é a droga, mas a proibição”. P. 67).

O capítulo é finalizado, em “Música em transe: o Woodstock do terceiro milênio”, com um relato pessoal do autor de sua experiência numa rave, no Riocentro. Um segmento do livro que se destaca dos demais por inserir a observação direta do autor, num estilo que o aproxima do jornalismo literário, de um fenômeno urbano contemporâneo e que inclui um código específico relacionado à música, à dança, ao gestual, à linguagem e aos valores, temperados com o uso intensivo do ecstasy.

A impressão prévia de que os supostos desregramentos de sentido ocorreriam nesses encontros de milhares de moças e rapazes foi desmentida *in loco*. Saudades daquelas imagens de Woodstock: moças de seios nus e pêlos pubílicos à mostra, sexo explícito e tudo mais que se via e lia nas revistas. Nada disso ali. Garotas lindas, de barriguinha de fora, microssaia, decotes generosos, mas só. Engraçada contradição. Os despudorados tempos atuais, que expõem até na televisão o que antes se via apenas em Woodstock, demonstravam um certo pudor justamente na rave, onde a lenda dizia que rolava de tudo – rolava mesmo, no chão. Decepção. Ainda assim, o estigma era tão forte que minha reação quando “flagrado” por algum leitor ou conhecido era me justificar logo: “Estou aqui a trabalho”. (pp. 87/88)

O livro inclui ainda o capítulo “A figura paterna: De década em década, a memória de 68 ressurge como uma sombra”, no qual, entre outras questões, contrapõe as visões apologéticas com um revisionismo através do qual questiona-se a visão idealizada que se tem daquele período.

Condena-se 68 como responsável distante pelos desregramentos do mundo atual. Tudo teria tido origem ali: a permissividade, a decadência dos valores morais, o enfraquecimento das instituições, a tirania do prazer, a falência do ensino, o desrespeito à lei, o culto das drogas, a falta de limite dos adolescentes, a nossa incapacidade de lhes dizer não, a cultura da violência, a delinquência e, quem sabe, a queda dos cabelos. Há uma tendência a julgar o fenômeno com o mesmo maniqueísmo com que ele se apresentou na época. (p. 95).

E, antes das entrevistas da segunda parte, já citada nesta resenha, finaliza com o capítulo “Nosso guia: Verbetes das mudanças e permanências destes últimos 40 anos”, nos quais relaciona diversos itens relacionados ao período: o que findou, o que mudou e o que permanece após as grandes transformações daqueles anos.